



## TECENDO VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

Antonia Zelina Negrão de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

O Relato de experiência aqui apresentado é resultado da pesquisa de doutorado, que teve como título – “Xipat, professora: letramentos acadêmicos de reexistência na formação inicial de professores munduruku”<sup>2</sup>, desenvolvida junto aos acadêmicos-professores das Turmas do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará (UEPA), ofertado aos indígenas munduruku da região de Jacareacanga no estado do Pará, no ano de 2016. O Estudo desenvolveu-se a partir de uma metodologia que busca tecer diálogos entre o paradigma sociocrítico e o paradigma interpretativista, que prima pela concepção de que o sujeito faz parte e constitui, ao mesmo tempo, a realidade na qual está inserido. Desta forma, a pesquisa pautou-se em uma visão de linguagem que compreende o estar entre línguas como uma realidade entre os indígenas que falam e escrevem nas línguas indígena e portuguesa. Os resultados mostraram que os professores indígenas, em formação acadêmica inicial, desejam expressar letramentos acadêmicos próprios, específicos, pautados em uma perspectiva decolonial frente à utilização da língua portuguesa.

**Palavras-chave:** Vivências, Formação de Professores indígenas, UEPA.

### INTRODUÇÃO

A Pesquisa aqui relatada, foi fruto do Programa de Doutorado interinstitucional realizado entre a Universidade do Estado do Pará e a Universidade de São Paulo, e resultou em uma Tese escrita conjuntamente, por mim e por meus alunos indígenas da etnia munduruku do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. O estudo etnográfico realizado teve como participantes, professores indígenas em formação inicial pelo Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, ofertado pela Universidade do Estado do Pará, todos indígenas que já atuavam como professores em suas aldeias, ao mesmo tempo em que cursavam a graduação. Os professores pertencem a uma mesma etnia, falam a língua indígena munduruku, porém, não residem todos na mesma aldeia. Os docentes deste estudo vivenciaram as atividades de ensino, relativas às

---

<sup>1</sup> Professora Dra. Em Letras da Universidade do Estado do Pará. Pertence ao Grupo de Pesquisa GEIA. Atua na Formação de Professores Indígenas. E-mail: [zelina.negrao@uepa.br](mailto:zelina.negrao@uepa.br)

<sup>2</sup> Trechos deste Relato fazem parte da Tese aqui apresentada. Pesquisa de Doutorado Interinstitucional UEPA/USP. Realizado com Bolsa FAPESPA



disciplinas do curso, dentro de uma aldeia polo, estabelecida pelo povo participante da Licenciatura.

Todos os alunos participaram das mesmas produções etnográficas desenvolvidas durante a execução das Disciplinas por mim ministradas. Entretanto, apenas cinco estudantes da turma de Licenciatura Intercultural Indígena, mais especificamente da área de linguagens e artes, foram selecionados como colaboradores, em decorrência da quantidade de produções desenvolvidas, da experiência no magistério e pelo fato de considerarmos ser um número que nos possibilitaria realizar um estudo conjunto das produções etnográficas, de uma forma muito mais produtiva. Os professores foram denominados a partir da nomenclatura Munduruku seguida do clã<sup>3</sup> ao qual esses professores pertencem.

O fato de ser uma pesquisa de caráter decolonial e que busca apresentar-se sob a forma de um *Relato de Experiência*, dentro deste contexto acadêmico, obriga-me a optar por trazer em sua disposição, apenas esta Introdução e o Desenvolvimento – Nossas vivências, por entender que meus colaboradores e eu, temos o propósito de fugirmos da perspectiva eurocêntrica até então traçada dentro da academia e por entendermos ainda, que a fluidez deste *Relato* consegue dar conta de orientar o leitor pelos trançados estabelecidos ao longo da Proposta de Tese desenvolvida.

## **DESENVOLVIMENTO – NOSSAS VIVÊNCIAS**

O povo Munduruku possui em sua organização social a divisão em 38 clãs constituídos a partir de duas metades exogâmicas<sup>4</sup>, a metade vermelha e a metade branca. Os clãs são determinados a partir das relações de parentesco e da relação com os mundos que fazem parte do universo da etnia. No caso dos munduruku, os clãs são definidos por uma relação patrilinear, ou seja, os filhos herdaram o clã do pai. Esses clãs designam as relações matrimoniais entre os munduruku, isto é, uma pessoa do clã vermelho, Kaba, Paigõ, Waro, Saw, dentre outros, só pode assumir matrimônio com outra pessoa do clã branco, Date, Borum, Kirixi, Tawe e outros. Os clãs são também simbolizados por espécies diferentes da natureza, como animais e plantas. Os clãs expressam boa parte da cosmologia munduruku e nos ajudam a entender um pouco da dinâmica de formação desse povo e principalmente, a entender o porquê dos professores

<sup>3</sup> Cf: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>.

<sup>4</sup> Exogâmico - Casamento de um indivíduo com um membro de grupo estranho àquele a que pertence. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/exogamia/>.

munduruku, em formação inicial, pronunciarem letramentos de reexistência. Desde muito cedo sofreram a imposição de uma língua que não lhes representava, uma língua que não dizia os mundos nos quais eles estavam inseridos:

Eu fui alfabetizado pela primeira vez na língua portuguesa, quando eu tinha 10 anos de idade, [...]. O meu primeiro contato com a língua portuguesa não foi fácil, eu tive muita dificuldade de falar [...] a língua que veio de outro lugar, e nem sabia de onde veio (MUNDURUKU-SAW, 2017).

Quando eu era adolescente, via as pessoas falarem a língua portuguesa e não entendia nada, fiquei preocupado com isso. Mas depois disso, eu fiz matrícula para conseguir a segunda língua [...]. Depois, aprendi poucas palavras. Hoje em dia, é muito importante aprender a segunda língua para dialogar com os professores e as autoridades e demais. Neste curso, eu queria aprender mais (MUNDURUKU-MUO, 2017).

O dizer dos professores munduruku, relatados acima, nos impulsionaram a tecer com eles, os letramentos acadêmicos de reexistência expressos na Tese construída conjuntamente com eles. E, o pensamento de Freire (2005) “[...]Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (FREIRE, 2005, p. 90), representa bem, o que meus colaboradores e eu realizamos durante o estudo realizado, pronunciamos, problematizamos e modificamos mundos, para mostrar que fazer ciência, é também existir humanamente. E quando existimos humanamente, é impossível não sentirmos, não pensarmos (ARIAS, 2010), não dizermos, não abriremos espaços para que novos pronunciadores aconteçam.

Pronunciamos mundos, histórias, vivências, vidas reais, contextualizadas e representadas na pesquisa realizada. Histórias de professores que vivem realidades socioculturais e econômicas bem diversas das que nós, professores não indígenas vivemos. Histórias de professores que lutam, todos os dias, para resistir a situações de genocídio e etnocídio dissimulados, impostos pela colonialidade do poder, ainda mais aflorada nos governos de extrema direita. Histórias de professores que têm fundado espaços de resistência para preservar seus territórios da voracidade capitalista que deseja abrir ambientes ainda não violados e devidamente resguardados pelos povos indígenas. História de professores que aprendem a importância de desaprender e desinventar conhecimentos prescritos por uma cultura europeia que sempre negou a forma como os indígenas vivem. Histórias de professores que desejam vivenciar projetos de educação que atendam à realidade dos saberes por eles experienciados. Histórias de professores que sonham com escolas que atendam à estética, ao clima e à realidade de suas aldeias. Histórias de professores que buscam experimentar no dia a dia da sala de aula e dos espaços da aldeia, a interculturalidade crítica, tão proclamada nos

documentos oficiais que tratam da educação para os povos indígenas. Histórias de professores que têm projetos próprios de decolonialidade e por isso ao apropriarem-se, também subvertem conhecimentos e práticas de linguagem dos ocidentais, no intuito de alargarem seus mundos e de serem visibilizados nas margens por onde tentam se mostrar. Histórias de professores que plantam suas roças de cará, de mandioca, de batata doce, que pescam seus peixes para a alimentação do dia a dia, que caçam os animais que servem ao sustento de seus corpos. Histórias de professores que vivem em meio à malária, ao piúm<sup>5</sup>, à doenças decorrentes da contaminação dos rios pelo mercúrio, usado nos garimpos que circundam as aldeias munduruku. Histórias de professores que estão organizados socialmente em clãs, o clã vermelho e o clã branco, metades exogâmicas que determinam as relações de parentesco e as relações com a natureza. Histórias de professores munduruku do alto e médio Tapajós no município de Jacareacanga no estado do Pará. Histórias de professores munduruku do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA/2017- Turmas Ensino Médio e Magistério.

Pronunciamos também, vivências de pessoas que foram silenciadas, que viveram o que Santos e Meneses (2009) denominaram de epistemicídio e dessa forma, foram impedidas de proclamar suas concepções, suas teorias. Vivências que apontam saberes alicerçados em um paradigma próprio, centrado no vivenciar, no experienciar, de gnosés desenvolvidas no coletivo e no acúmulo do cotidiano das etnias (IÑO DAZA, 2017). Vivências que se alicerçam, em uma visão temporal e histórica de interculturalidade, pautada em diálogos entre mundos sociocultural e linguisticamente diferentes. Vivências que nos mostram que a interculturalidade crítica (WALSH, 2009) deseja transgredir a colonialidade existente, para que possamos caminhar para outras lógicas possíveis. Vivências que revelam os pais como as referências primeiras do magistério na vida dos indígenas, é por meio deles, que os filhos experimentam todo o conhecimento, é pelas atitudes dos pais que os filhos aprendem o ser coletivo, aprendem a caçar, a pescar, a cultivar. Vivências que se assentam em referências bibliográficas que vêm das vozes dos ancestrais, dos pais, dos avós, da família. Vivências que compreendem o educar como um mistério próprio da vida, assim, “educar é fazer sonhar [...] arrancar de dentro para fora[...]” (MUNDURUKU, 1996, p.38). Vivências com matrizes culturais e epistemológicas próprias, que buscam outros olhares, outros horizontes para fazer frente à colonialidade do ser

---

<sup>5</sup> Insetos voadores da ordem dos simuliídeos que medem de um a quatro milímetros de comprimento e apresentam tegumento escuro, algumas regiões do corpo revestidas de pruína (revestimento tenuíssimo de cera) cinza-azulada, tórax convexo, pernas curtas e asas largas. Os piúms são transmissores de filárias geradoras da oncocercose, que pode ocasionar a cegueira completa. Atacam em grandes grupos, o que pode ameaçar a vida de suas vítimas. Cf: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/pium/mosquito/>. Acesso em: 12/11/2019.

e do saber. Vivências que desejam insurgir e contrapor-se a uma “ordem monocultural hegemônica” (ARIAS, 2010, p. 83), que não concebe outras formas de vivências. Vivências que descortinam conhecimentos outrora velados pela ciência ocidental. Vivências que consolidam projetos próprios de decolonialidade, fundados em uma visão holística da vida. Vivências que se firmam no imaginário, nas subjetividades, nas narrativas, nos rituais, na cosmologia de povos que sempre estiveram relegados à soberania da razão. Vivências que se dizem na contra hegemonia, num ato de rebeldia à colonialidade do ser e do saber. Vivências que nos traçam e tecem caminhos para que deixemos a asfixia socioeconômica na qual nos inserimos. Vivências que se enraízam na educação do corpo e da mente, pois para os indígenas, “[...] o uso dos sentidos confere sentido às suas ações [...] no seu corpo o Sentido ganha vida [...]” (MUNDURUKU, 2009, p.25). Vivências que impuseram à universidade repensar paradigmas, rever metodologias e questões de pesquisa, sair de seus objetivismos e da concepção de que povos indígenas são objetos de pesquisa. Vivências que nos fazem tratar professores indígenas em formação inicial na perspectiva do *conhecer com* e não mais do *conhecer sobre* (SANTOS, 2019). Vivências que expressam saberes construídos nas margens, nas fronteiras, nas linhas abissais. Vivências que fazem parte da ecologia de saberes (SANTOS, 2019). Vivências que fazem parte das epistemologias plurais. Vivências que desejam revolucionar e levar a academia a sentipensar numa atitude política e humana de compreensão da existência de outras formas de pensar e sentir o mundo. Vivências que nos dizem ser possível resistir e reexistir há anos de colonialidade, ainda que nas margens. Vivências de professores munduku do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA/2017- Turmas Ensino Médio e Magistério.

Pronunciamos ainda narrares, que pautados em noções de língua e linguagem próprias de povos a quem a imposição de uma escrita alfabética, de uma gramática, de uma língua-nação (MIGNOLO, 2010) imprimiu estigmas, preconceitos, subalternizações. Narrares que partem de concepções de língua-(gem) características de povos indígenas, concepções embasadas em diferentes formas de expressar o mundo. Narrares de práticas socioculturais de linguagem específicas de etnias que estão em meio às línguas em uso. Narrares que expressam modos específicos de pensar e realizar as línguas indígena e munduruku pelas quais professores em formação inicial transitam. Narrares de práticas discursivas de povos com histórias de colonialidade e subalternidade, uma vez que, os discursos embasados na verdade científica, só poderiam ser expressos nas línguas indo-europeias (ARIAS, 2010). Narrares de formas próprias de expressar os recursos semióticos de um povo que possui linguagens que não se pautam

apenas pelas formas de expressar dos não indígenas. Narrares de relações com a escrita bem diversas das relações concebidas pelos ocidentais. Narrares de práticas discursivas que se tecem no conceito de linguajamento defendido por Mignolo (2003), práticas que se afastam da noção de língua como sistema e que caminham para o que se faz quando se usa a linguagem (PENNYCOOK, 2010). Narrares de professores que durante muito tempo tiveram suas práticas linguísticas invisibilizadas. Narrares de professores que estão nas fronteiras fluídas onde as línguas se misturam (MOITA LOPES, 2013). Narrares de professores que desejam se distanciar da visão monolíngue de língua trazida pelos europeus. Narrares de professores que se afastam continuamente, das essencializações de língua e identidade (MOITA LOPES, 2013). Narrares de professores que já fizeram as escolhas políticas de utilização das línguas em que se realizam, seja na comunidade, seja na escola, seja em seus lares. Narrares de professores que subvertem a língua do colonizador no intuito de fazer ouvir a língua indígena em que se significam. Narrares de professores que se movem no aspecto linguístico, politicamente, e assim, ora promovem práticas bilíngues como forma de assegurar direitos alcançados na Constituição Federal de 1988, ora promovem práticas translíngues, como forma de mostrarem a dinamicidade das práticas de linguagem e mais ainda, a relação estratégica entre as línguas, conforme as situações ou interesses a serem representados (LUCENA; CARDOSO, 2018, p.145). Narrares de professores que na modernidade recente (MOITA LOPES, 2013.) utilizam as línguas munduruku e portuguesa num continuum (GARCIA, 2009), no intuito de manifestarem a realidade diglósica do universo que habitam. Narrares de professores que transitam entre as línguas munduruku e portuguesa na perspectiva de marcarem socioculturalmente a heterogeneidade das práticas discursivas e dos recursos semióticos por eles utilizados. Narrares de professores que buscam uma lógica democrática para as línguas em uso. Narrares de professores que buscam um letramento acadêmico que não os impossibilite de significar seus contextos, suas realidades. Narrares de professores que durante muito tempo dispensaram a escrita como forma de representar seus mundos. Narrares de professores para quem a relação com a escrita está para além da leitura do código, pois compreende outras práticas discursivas utilizadas em seus cotidianos. Narrares de professores para quem a escrita não tem o mesmo valor da oralidade, visto que esta última é uma prática muito mais recorrente e substancial no dia a dia das aldeias em que habitam. Narrares de professores para quem a escrita não tem mais valor do que pescar, ou subir numa árvore (KRENAK, 1989, s/n), por exemplo. Narrares de professores que buscam que a escrita acadêmica se abra a outras formas de significar (ZAVALA; CÓRDOVA, 2010, p.141). Narrares de professores para quem a língua portuguesa representa *uma língua que veio de outro lugar* (MUNDURUKU-SAW, 2017), *uma*

*segunda língua* (MUNDURUKU-MUO, 2017). Narrares de professores que buscam letramentos abertos a novas formas de significar os universos polifônicos vivenciados pelos povos indígenas na transitividade linguística. Narrares de professores do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA/2017- Turmas Ensino Médio e Magistério.

Ao pronunciarmos histórias, vivências e narrares, meus colaboradores e eu, modificamos os mundos envolvidos nesta pesquisa.

Modificamos mundos para dizer que é preciso olhar socioculturalmente para os mundos nos quais estamos inseridos, é preciso olhar para enxergar, para sentir e para pensar o que se faz quando se trabalha com formação de professores que estão entre mundos. Modificamos mundos para que sejam construídos outros espaços de formação de professores indígenas. Modificamos mundos para que os professores indígenas, em formação inicial ou continuada, sejam vistos a partir de seus mundos, de suas práticas discursivas. Modificamos mundos para que professores indígenas sejam respeitados e visibilizados nas práticas pedagógicas que desejam experimentar. Modificamos mundos para que a interculturalidade crítica seja viabilizada em práticas de justiça social. Modificamos mundos para que sejamos capazes de olhar nossos mundos a partir de perspectivas várias. Modificamos mundos para que a oralidade possa estar em pé de igualdade com a escrita, conforme os projetos empreendidos. Modificamos mundos para que as escolas indígenas façam parte da realidade sociocultural das aldeias. Modificamos mundos para que a decolonialidade do ser e do saber seja bandeira nas universidades. Modificamos mundos para que os saberes indígenas sejam tratados no mesmo pé de igualdade que os saberes ocidentais. Modificamos mundos para que a formação de professores indígenas se realize em consonância com o protagonismo que os povos indígenas têm representado. Modificamos mundos para que os professores indígenas em formação inicial possam expressar, politicamente, as práticas discursivas por eles empreendidas, seja na língua munduruku, seja na língua adicional, seja entre as línguas. Modificamos mundos para que novos pronunciamentos sejam feitos a partir das mudanças empreendidas.

## REFERÊNCIAS

ARIAS, P. G. **Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte)**. In: Calle14: revista de investigación en el campo del arte. 4 (Julio-Diciembre), 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCÍA, O. 2009. **Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective**. Malden, MA and Oxford: Basil/Blackwell.

IÑO DAZA, W. G. **Epistemología pluralista, investigación y descolonización Aproximaciones al paradigma indígena.** RevIISE. Vol. 9, n.9. Año 2017, p.p.111-125. Disponível em: [www.revise.unsj.edu.ar](http://www.revise.unsj.edu.ar). Acesso em: 15/03/2019.

KRENAK, A. Ailton Krenak – **Receber sonhos.** Ed. 07. 06/07/1989. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1989/07/06/ailton-krenak-receber-sonhos>. Acesso em: 07/10/2019.

LUCENA, M.I.P; CARDOSO, A.C. **Translinguagem como recurso pedagógico: uma discussão etnográfica sobre práticas de linguagem em uma escola bilingue.** Revista Calidoscópio. Vl.16, n.1., p.143-151, jan/abril 2018.

MIGNOLO, W.D. **Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad.** Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010. Disponível em: <https://antropologiadeoutraforma.files.wordpress.com/2013/04/mignolo-walter-desobediencia-epistc3a9mica-buenos-aires-ediciones-del-signo-2010.pdf>. Acesso em: 10/12/2018.

MOITA LOPES, L. P. **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani.** 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de Índio. Companhia das Letrinhas.** SP, 1996.  
\_\_\_\_\_. Educação indígena: do corpo, da mente e do espírito. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n.1, p. 21-29, jan./jun. 2009.

NEGRÃO-OLIVEIRA. Xipat, professora: letramentos acadêmicos de reexistência na formação inicial de professores munduruku. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2020.

PENNYCOOK, A. 2010. **Language as local practice.** London: Routledge.

SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul.** 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almedina, 2009.

ZAVALA, V.; CÓRDOVA, G. (org.). (2010). **Decir y callar. Lenguaje, equidad y poder en la Universidad peruana.** Lima: Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.

WALSH, C. **Interculturalidade crítica e educação intercultural.** 2009. (Conferência apresentada no Seminário “Interculturalidad y Educación Intercultural”, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz). Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/>>. Acesso em: 12/09/2017.